

Recensão

Um muro no meio do caminho, de Julieta Monginho¹

João de Mancelos

(Universidade da Beira Interior)

Palavras-chave: romance português; Julieta Monginho; *Um muro no meio do caminho*; refugiados

Keywords: Portuguese novel; Julieta Monginho; *Um muro no meio do caminho*; refugees

Em setembro de 2015, um frágil barco, sobrelotado de migrantes clandestinos, provenientes da Síria com destino à Grécia, naufragou no Mar Egeu. Numa praia turca, um dos passageiros mortos, um menino de nome Alan Kurdi, jazia de rosto na areia, numa solidão e abandono atroz. A imagem perturbadora tornou-se num símbolo do drama dos refugiados, correu mundo, nas primeiras páginas da imprensa, e fez notícia de abertura nos telejornais. De imediato, reacendeu-se o debate em torno dos migrantes, em fuga desesperada da guerra, e do papel da Europa no seu acolhimento. Políticos, organizações independentes e escritores têm transformado a palavra em arma para denunciar a maior crise da humanidade desde a Segunda Guerra Mundial.

A escritora e magistrada Julieta Monginho socorreu-se da experiência como voluntária num campo de refugiados em Chio, na Grécia, em 2016, para elaborar o novo romance, *Um muro no meio do caminho*. Nas suas palavras, o centro de acolhimento é “uma ilha que oferece pouco mais do que o chão sem cadáveres e o céu sem explosões” (p. 40). Ali, interagiu com quem tudo perdeu e aguarda, com a vida em suspenso, por uma autorização para atravessar o muro da burocracia, racismo ou indiferença. O resultado é um relato ficcionalizado, mas verosímil, e um alerta para o sofrimento de quem veio da Síria ou do Afeganistão, e atravessou o terror da bacia mediterrânica em busca da paz.

Logo nas primeiras páginas do romance, a narradora descreve os refugiados num estilo onde ressuma a preocupação com o *mot juste* e o ouvido atento ao ritmo frásico. Neste âmbito, recorre a enumerações para sugerir o caos e o perigo gerados pela guerra, e também para relatar sumariamente a fuga — primeiro, através de uma terra devastada pelo conflito bélico e, depois, durante a travessia mediterrânica, não raras vezes fatal:

¹ Mancelos, João de. "Um muro no meio do caminho, de Julieta Monginho (recensão)". *Revista Portuguesa de Humanidades* (Universidade Católica Portuguesa, Braga) 25 (2021): 395–398. ISSN: 0874-0321.

Fugiram do inferno, como figuras de um painel que tivessem furado a tela e corrido, em passos estropiados, uma maratona de obstáculos: o chão com o seu entulho pulsátil, arestas, balas perdidas, sangue escorregadio; a noite e os seus gemidos, armadilhas, vultos disformes, negócios sussurrados; a distância e os seus caminhos escusos, solavancos, vagões superlotados, casas perdidas em campos de cardos; a fome e as suas patas que esgaravavam primeiro o estômago, a seguir os ouvidos no choro miudinho das crianças, depois o coração e todo o corpo escravizado; o céu e a sua chuva contínua de negror; o mar e a sua índole caprichosa, a altercação com os ventos e as correntes, os seres que se escondem na fundura densa, a ausência de sons, do mínimo sinal na noite líquida. (p. 13)

Nas páginas de *Um muro no meio do caminho*, Monginho não perspetiva esta multidão como uma amálgama de indivíduos anónimos, tipificados, como os que quotidianamente surgem nas imagens transmitidas pelos telejornais. Pelo contrário, a romancista explora, com sensibilidade, as experiências singulares e as múltiplas esperanças que acalentam. Para tanto, humaniza as *dramatis personae* que elegera, pertencentes a múltiplos grupos étnicos, géneros e faixas etárias. Por exemplo, Amina é a jovem apaixonada cujo namorado faleceu no bombardeamento de um hospital; Ashmah é uma mulher grávida, desejosa de se reunir com o marido, na Alemanha; Saud é o rapazinho de olhos inocentes, mas melancólicos, que não se despediu dos pais, etc.

Existe uma característica incontornável da narrativa literária, por oposição à histórica, plasmada neste livro. Um romance permite narrar a vida privada de um indivíduo *anónimo*, que não se distinguiu por qualquer feito heroico ou memorável. Assim, cada figura de papel e tinta, produto da imaginação, pode ser tão verosímil quanto uma pessoa real, ao condensar em si as características, por exemplo, de numerosas crianças órfãs de guerra, levadas para um campo de acolhimento.

Para explorar a vivência dos refugiados, a autora recorreu essencialmente a quatro estratégias narrativas, que analisarei nas páginas seguintes: cria um introito em todos os capítulos; atribui a cada personagem um objeto caracterizador; concede voz aos vários actantes, num registo que evoca entrevistas orais; por fim, estrutura a narrativa como um conjunto de relatos interligados.

A primeira estratégia consiste em apresentar, no início de cada capítulo, um introito motivador. Este é sempre breve, rondando uma dúzia de linhas; redigido num estilo permeado pelo lirismo, próximo à prosa poética; com uma mancha tipográfica que a diferencia do texto principal. Tal introito conduz às páginas seguintes, centradas na história de uma determinada personagem, seja ela um refugiado ou, mais raramente, um voluntário.

Um excelente exemplo encontra-se no capítulo sobre a experiência traumática de

Shayma, a mulher angustiada que perdeu os filhos, o marido e os pais, num ataque de mísseis. A dificuldade em fazer o luto e o ostracismo das restantes refugiadas, que a ferretaram como mãe negligente, conduziram-na à demência:

Não sei quando enlouqueci, sei que não serviu de nada. Continuo a pensar e a pedir ajuda.
 Não me importo de sentir a cabeça retalhada por lâminas de luz, nem de caminhar entre nuvens de sangue. Os corpos dos meus filhos mortos regressaram ao meu corpo e aqui gelaram. Gosto de sentir os seus dentes morderem-me o coração, a voz, o pensamento.
 E de embalar a *t-shirt* repleta do sangue de Shiar, não trouxe mais nada.
 O que me perturba é a cara apavorada. A boca que não vigia o grito. Os olhos acesos, mendicantes, ainda vivos.
 A cara viva, no espelho. (p. 67)

Outra estratégia narrativa, aplicada em todos os capítulos, reside em associar cada personagem a um objeto aparentemente banal, mas significativo: um brinco sem par, uma *t-shirt* ensanguentada ou um simples maço de cigarros. Tal item permite caracterizar um indivíduo, aludindo a episódios de um passado traumático ou evocando traços perenes da sua personalidade.

Por exemplo, no início do romance, Amina é apresentada ao leitor como a rapariga que desenha sonhos no seu inseparável bloco, espécie de diário terapêutico:

O caderno era o seu mundo precioso, continha os sonhos, continha tudo: o que perdeu, o que desejou, o que deseja, o que recorda. Explicou que o tinha trazido no barco, e antes do barco, nas carrinhas e nas caminhadas da fuga, escondido no bolso invisível. Imaginei-a a preenchê-lo sob luzes diversas, ou sob luz nenhuma, a não ser a das estrelas aparentemente imperturbáveis; sob luazes que sendo iguais aos da terra de partida, a incomodavam como estranhos. (p. 19)

A terceira estratégia para introduzir cada personagem consiste em dar-lhe voz, através de pequenas entrevistas, grafadas a negrito, onde os refugiados ou os voluntários confidenciam à voluntária portuguesa os receios e expectativas. Tais narrativas por encaixe concedem ao romance verosimilhança, pois transmitem a sensação de testemunhos recolhidos no decurso de uma entrevista. Embora a autora esclareça que esta é uma obra de *ficção* (p. 245), é possível inferir que os relatos de guerra, fuga e sobrevivência têm contraponto em situações da mais crua realidade.

Escolhi para exemplificar a estratégia da entrevista o depoimento de Omid, impulsor de uma ONG (Fundação para o Amor Universal), e defensor da intercompreensão e pacifismo, que relata à voluntária o término do seu projeto:

Acredito numa sociedade baseada no amor: no amor livre entre as pessoas, sem fronteiras, sem barreiras, sem discriminações. Na minha terra, quem não tem religião é como se as tivesse todas. Choviam ameaças de todos os lados. Mais do que ameaças, agressões. Estava a pôr a minha família em perigo. Fugi para o Curdistão. Durante algum tempo, consegui lá espaço para trabalhar na minha causa. Grupos de amigos, dispostos a trabalhar comigo. Registámos a nossa ONG, mas não tardaram a recomeçar as perseguições. (...) Ninguém me dava trabalho. Não tinha que comer. Passei dias escondido em buracos, subsistia com o pão que me dava um padeiro meu amigo. (p. 158)

A quarta e última estratégia relaciona-se com a estrutura do romance: ao invés de seguir uma ou mais linhas narrativas, espalhadas por cada capítulo, a narradora optou por contar numerosas crónicas de amor, luto e sobrevivência, experienciadas tanto pelos refugiados como pelos voluntários. Transforma-se, assim, numa espécie de Xerazade dos tempos modernos, sempre com um novo relato, apresentado em tom compassivo, mas nunca patético. O resultado é uma “composite novel”, expressão inglesa para designar um romance onde cada capítulo apresenta uma história que pode ser lida independentemente, mas se associa, de forma mais ou menos subtil, às restantes que integram o volume. Robert Lucher usa, de forma feliz, o termo “sequência” para designar cada capítulo, implicando, desde logo, uma relação entre a parte e o todo.

Naturalmente, todas estas secções apresentam traços comuns, que contribuem para a coesão. No caso do romance de Monginho, tais elementos unificadores correspondem à presença subjetiva da narradora, que conduz o leitor através dos meandros do enredo; a algumas personagens que reaparecem em diversos capítulos; ao espaço (o campo de acolhimento grego) e ao tempo da história (a época atual). Este expediente reifica uma *história* feita de *histórias*, aludindo à multiplicidade polifónica das narrativas decorrentes da mais trágica diáspora deste século.

Um muro no meio do caminho consagra-se como um romance interventivo e urgente, escrito num estilo que oscila entre o discurso diarístico de uma voluntária num campo de refugiados e o testemunho dos migrantes em fuga da morte. Em apenas três linhas, a narradora sintetiza este drama que vivenciou na primeira pessoa, mas a que assistimos apenas no conforto distante do lar, em frente à televisão ou folheando as páginas da imprensa: “Não lhes bastava serem fugitivos, haveriam também de ser cativos. As pessoas livres não fogem, deslocam-se. Os que fogem regridem à categoria de seres para o desespero, não para a vida” (p. 91).

A autora apela, assim, à vocação humanista e à hospitalidade que se encontram no cerne da identidade europeia e podem aliviar o terrível drama destes migrantes involuntários, cativos nas malhas da história. Porque, nas sábias palavras de Terêncio (195 a.C.-185 a.C.), “Sou

um homem: nada do que é humano me é alheio”.

Ref.ª: Julieta Monginho, *Um muro no meio do caminho*, 1.ª ed. (Porto: Porto Editora, 2018). ISBN: 978-972-0-03030-6.

Resumo

Recensão ao romance *Um muro no meio do caminho*, de Julieta Monginho, baseado na experiência da autora como voluntária num campo de refugiados em Chio, na Grécia, em 2016, mas nimbado pela ficção. Neste breve texto, foco, sobretudo, as estratégias narrativas utilizadas por Monginho: a) um introito motivador em cada capítulo; b) a associação de cada personagem a um objeto pessoal significativo; c) as pequenas entrevistas, onde os refugiados ou os voluntários confidenciam à voluntária portuguesa os receios e expetativas; d) a estrutura de “composite novel”, constituída por numerosas crónicas de amor, luto e sobrevivência. O resultado é um romance humanista, verosímil e interventivo.